

A Obra de Rafael Moreira e a Formação de um Campo de Estudos

The work of Rafael Moreira and the formation of a field of study

*Sarah Dume*¹

Mais do que apenas rememorar a trajetória de Rafael Moreira, este artigo busca orientar os pares da área quanto aos percursos de pesquisa realizados pelo mestre ao longo de sua carreira, destacando a amplitude de seu corpus investigativo e o alcance da abordagem interdisciplinar por ele aplicada aos estudos da arte portuguesa e colonial.

O capítulo dedicado ao Classicismo em Portugal, incluído na coleção *História da Arte Portuguesa*, consolidou-se como uma das principais referências para o entendimento da arquitetura portuguesa do século XVI. Em estudos mais recentes, o autor segue contribuindo com novas interpretações, como no texto “A Arquitectura Militar em Portugal”, parte integrante da obra coordenada por Vítor Serrão, *História da Arte em Portugal: O Maneirismo*, publicada em 1986. Destaca-se ainda sua abrangente tese de doutoramento, *Arquitectura do Renascimento no Sul de Portugal* (1991), defendida na Universidade Nova de Lisboa, que trouxe contribuições inéditas e fundamentais para o aprofundamento das pesquisas sobre o tema. Outro trabalho relevante é o estudo “A Escola de Arquitectura do Paço da Ribeira e a Academia de Matemáticas de Madrid”, de 1987, inserido na coletânea *As Relações Artísticas entre Portugal e Espanha na Época dos Descobrimentos*, organizada por Pedro Dias. Esse texto apresenta evidências documentais que sustentam a hipótese da existência de um núcleo formativo de arquitetura em Portugal anterior à ascensão de Felipe II ao trono português.

¹ Doutoranda em História da Arte (IFCH | UNICAMP) / sarah.dume@hotmail.com

Por fim, seu trabalho abriu caminho para uma nova geração de estudos dedicados à arquitetura renascentista, especialmente voltados à segunda metade do século XVI. Muitos desses trabalhos se apoiam nas análises e interpretações de Moreira para investigar a circulação de ideias e modelos no mundo de língua portuguesa. Seu legado reside na centralidade conferida às fontes manuscritas, no rigor com que as investiga e na amplitude com que reposiciona os objetos arquitetônicos dentro de seu contexto histórico. Sua contribuição reside não apenas nos objetos que escolheu estudar, mas sobretudo na maneira como redefiniu as abordagens possíveis para a história da arquitetura de matriz portuguesa.

Abarcando um cenário de plena expansão da ciência em diversas vertentes, a arquitetura é pensada em seus estudos em consonância com as profundas mudanças no campo científico, que se ampliavam em conjunto ao plano de expansão territorial desenvolvido a partir do século XV pelo Infante Dom Henrique. Dentro desse mesmo processo, a entrada de modelos e linguagens desenvolvidas mais ao norte da Europa, principalmente na Itália, serão as premissas determinantes que guiarão a obra de Moreira para uma leitura do renascimento em Portugal.

Moreira amplia a discussão acerca do complexo de estilos impressos na arquitetura portuguesa quinhentista, demonstrando que o denominado “manuelino”, embora dominante na virada do século XV para o XVI, não resume a diversidade dos modelos circulantes na Portugal do período. Sua leitura desloca o foco da análise estilística para uma abordagem documental e contextual, que privilegia os mecanismos de produção, circulação e recepção do saber arquitetônico.

Essa perspectiva se aprofunda anos depois em sua extensa tese de doutorado, recentemente publicada pelas Edições Colibri e organizada por Francisco Bilou, dedicada à recepção do modelo “ao romano” no sul de Portugal. Nessa obra, o autor evidencia a apropriação da linguagem clássica em regiões periféricas em relação aos grandes centros irradiadores — Lisboa, Coimbra,

Porto — com mediação da prática construtiva local e da experiência dos mestres de obras.²

Essa difusão não se deu apenas no território português, mas também nos trânsitos ultramarinos. Moreira ressalta como a construção de fortificações em territórios colonizados estimulou o contato de arquitetos com a tratadística renascentista.³ Sua análise da articulação entre arquitetura civil e militar revela a multiplicidade de agentes e práticas envolvidos na conformação da cultura arquitetônica portuguesa. Ao considerar essas dinâmicas, Moreira amplia o escopo interpretativo da história da arte, incorporando os territórios coloniais como partes integrantes de um sistema artístico e técnico interligado.

Um exemplo emblemático é sua análise do códice 3675 da Biblioteca Nacional de Portugal.⁴ Nesse estudo, Moreira investiga o documento como artefato intelectual e material, revelando camadas contextuais profundas por meio de uma leitura que articula evidências históricas, referências teóricas e práticas construtivas. Sua abordagem torna-se modelo desde 1982, ano em que o trabalho foi apresentado como dissertação de mestrado no Centro de Humanidades da Universidade Nova de Lisboa.⁵

² MOREIRA, Rafael de Faria Domingues. *A arquitectura do Renascimento no sul de Portugal: a encomenda régia entre o moderno e o romano*. Lisboa: Edições Colibri, julho de 2023. 420 p. ISBN 978-989-566-2791.

³ MOREIRA, Rafael. A escola de arquitectura do Paço da Ribeira ea Academia de matemáticas de Madrid. en: Dias, Pedro (coord.). *As Relações Artísticas entre Portugal e Espanha na Época dos Descobrimientos*. Livraria Minerva, Coimbra. [S.l.: s.n.], 1987; MOREIRA, Rafael. *Arquitetura militar*. In: SERRÃO, VITOR (Org.). *História da Arte em Portugal: O maneirismo*. Lisboa: Publicações Alfa, 1986. p. 137–152; MOREIRA, Rafael; SOROMENHO, Miguel. *Engenheiros militares italianos em Portugal (séculos XV-XVI)*. M. VIGANÓ, *Architetti e Ingegneri Militari Italiani All'Estero dal XV al XVIII secolo*, Roma, p. 109–131, 1999; MOREIRA, Rafael. *Fortalezas do renascimento. A arquitetura militar na expansão portuguesa*. Porto: Infante, 1994; MOREIRA, Rafael; RODRIGUES, Ana Duarte. *Tratados de arte em Portugal*. [S.l.]: Scribe, 2011; MOREIRA, Rafael. Reflexos albertianos no Renascimento Português: a descriptio urbis romae, o matemático Francisco de Melo e um mapa virtual de Portugal em 1531. *Na génese das racionalidades modernas II: em torno de Alberti e do Humanismo*. [S.l.]: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2015. p. 427–442. Disponível em: <<https://ucdigitalis.uc.pt/pombalina/item/69747>>.

⁴ RODRIGUES, António (ca. 1525-1590). *Tratado de arquitectura* [manuscrito]. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, cód. 3675, 1575–1576, 29 cm, f. 3–45, [46–67] f., enc. il.; domínio público.

⁵ TAVARES, Domingos; XAVIER, João Pedro. *António Rodrigues: renascimento em Portugal*. Porto: Dafne, 2007. DA CONCEIÇÃO, Margarida Tavares. A Fortificação no Contexto da Cultura Arquitetônica Portuguesa entre os Séculos XVI e XVIII: uma leitura geral. *História da*

“O Tratado de Architectura” de 1576

Dentro da obra de Rafael Moreira, um dos estudos de destaque se refere a transcrição analítica do códice 3675 da Biblioteca Nacional de Portugal, intitulado informalmente como “Tratado de Architectura”.⁶ Nesse estudo, o autor trouxe a luz o único tratado de arquitetura remanescente do século XVI em Portugal, que, apesar de manuscrito, é composto por um conteúdo que imprime em suas intenções as preceptivas que compõem o aprendizado do profissional construtor e projetista interessado na leitura desse conteúdo.

O documento é composto por 67 fólios escritos em 4 diferentes caligrafias que dissertam sobre inúmeros aspectos do conhecimento necessário ao arquiteto para exercer sua função, segundo o cânone vitruviano, como a qualidade do local os quais serão escolhidos para a construção dos edifícios, as técnicas práticas utilizadas para o manuseio desse material em diferentes condições, bem como uma segunda parte dedicada a geometria Euclidiana e a perspectiva. O manuscrito finaliza-se com o desenho de diferentes baluartes, que aparentam ser a parte ilustrada do que restou de um capítulo dedicado a fortificação abaluartada, mas arrancados como se pode perceber no documento original quando manuseado. O manuscrito provém da livraria de Francisco de Melo Manuel, uma das maiores coleções particulares da Biblioteca Nacional portuguesa onde vem descrito no inventário dessa livraria como “Objectos de Geometria ou Engenharia - mss. Dos finares do 16º século em fol.”

arquitetura - perspectivas temáticas, p. 189–212, 2018. DA CONCEIÇÃO, M. Hard to Obtain, Hard to Translate: Lime and Earth Construction in Early Modern Portuguese Writings in Architecture and Fortification. *Opus Incertum*, v.6, p.54-67, 2020; BUENO, Beatriz Piccolotto Siqueira. *Desenho e desígnio: o Brasil dos engenheiros militares (1500-1822)*. 1ª ed. São Paulo: FAPESP/EDUSP, 2011; SOUSA, Luís Filipe Guerreiro da Costa. *Escrita e prática de guerra em Portugal 1573-1612*. 2013. 845 f. Universidade de Lisboa, 2013. Disponível em: <<http://repositorio.ul.pt/handle/10451/8904>>.

⁶ MOREIRA, Rafael. *Um Tratado português de Architectura do século XVI (1576-1579)*. Lisboa: UNL, 1982

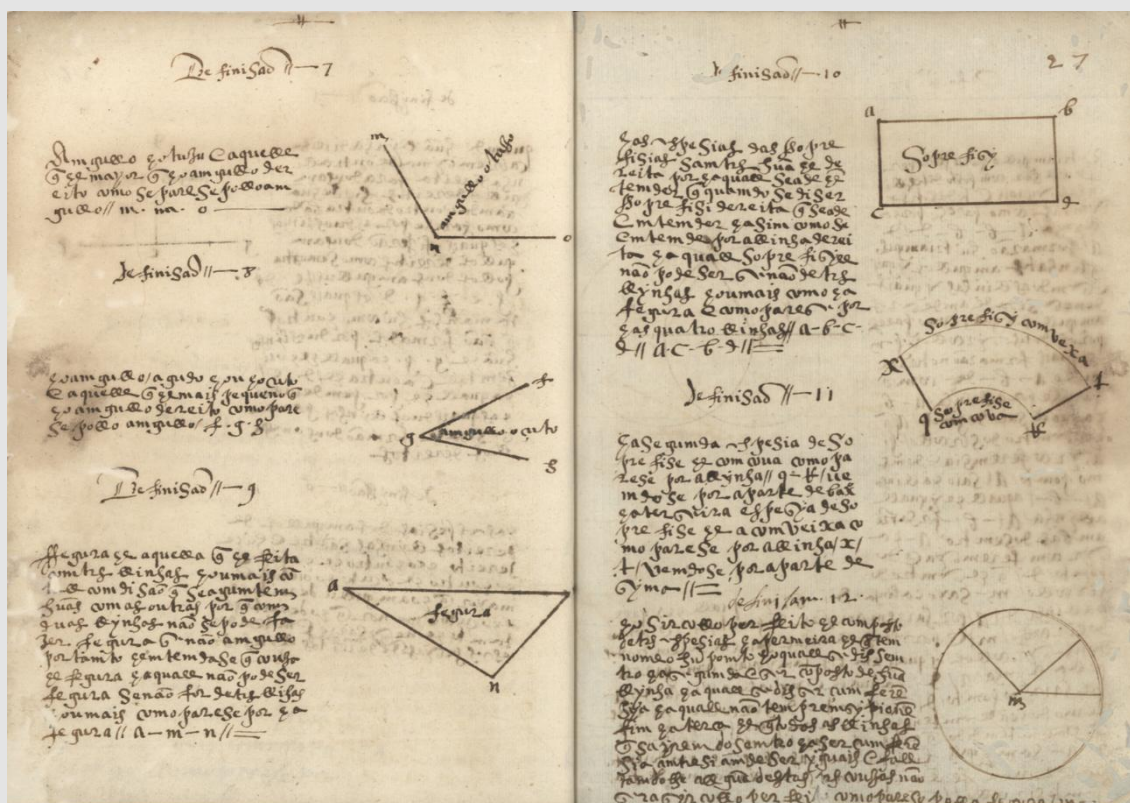


Figura 1 - Definições apresentadas pelo autor na segunda parte do texto, inspiradas no cânone euclidiano da geometria plana. Fonte: BNP, cód. 3675, fol. 26v-27.

A última página do manuscrito também não passa despercebida pelo interessante conteúdo que contém: apresenta uma lista de livros de posse de Lopo Roiz, onde alguns dos volumes contam com a identidade das pessoas que faziam empréstimos de seus livros. Essa sessão do manuscrito não passara despercebida por Moreira, que também cotejara e analisara evidências que constroem um possível caminho para o documento descrito.

O manuscrito, atribuído ao mestre de obras português António Rodrigues e datado entre 1575 e 1576, situa-se como eixo de uma proposta metodológica que confere centralidade ao documento.⁷ Ao tratar o códice não como simples repositório de desenhos ou ideias arquitetônicas, mas como testemunho das práticas e saberes do século XVI, Moreira inaugura uma inflexão crítica que marca a historiografia da arquitetura portuguesa e influencia amplamente os estudos posteriores, inclusive no Brasil.

⁷ MOREIRA, Rafael. *Um tratado português de arquitectura do século XVI : 1576-1579*. 1982. Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 1982. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10362/122116>.

Ao esmiuçar o modelo mestral e régio — centrado na atuação do profissional que projeta e constrói — Moreira descentraliza a visão da arquitetura renascentista portuguesa, afastando-se das leituras que a subordinam às correntes transalpinas. Em vez disso, destaca as singularidades da prática luso-arquitetônica e seus diálogos com repertórios europeus. No códice, identifica um autor técnico e pragmático, cuja escrita revela afinidade com tratados como o de Daniele Barbaro⁸ em consonância com clássicos do pensamento científico português, especialmente Pedro Nunes, destacando-se a forte influência da estrutura e conteúdo baseados na obra de seu contemporâneo, Pietro Cataneo.⁹

O texto apresenta seu conteúdo na respectiva ordem: uma introdução na qual o autor busca a gênese da arquitetura na história da humanidade; (fol. 7-14v); Capítulo da eleição do sítio; (fol. 14v-18v) Capítulo que trata que coisa é região e de sua bondade; (18v-20v)

Capítulo que trata do ar e de sua propriedade; (20v-22v) Capítulo em que se declara a propriedade da água; (22v- 23) Capítulo das partes que há de ter o arquiteto; Capítulo da areia e sua condição (fol. 18v); Capítulo da propriedade do barro para tijolo (fol. 19); Capítulo do tempo em que se há de fazer o edefício (fol. 20); Capítulo que trata do tempo conveniente para se poder fabricar de terra (fol. 22); Capítulo da Propriedade das árvores e quais são boas para os edifícios; Capítulo em que declara que coisa é geometria; Proposições ou "proporções" – denomina a partir da preposição 1 sobre o capítulo que se trata como os três ângulos de qualquer triângulo são iguais e contempla nesse corpo a utilização das formas geométricas em prol do seu uso construtivo bem como para a perspectiva apresentada pelo autor.

O material de suporte do documento, segundo Moreira, foi utilizado em diferentes governos da segunda metade do século XVI, como os de D. Sebastião e Felipe II, bem como por reconhecidos profissionais daquele período, como Juan de Herrera e Francisco de Mora, nos desenhos de projeto da Cartuxa de

⁸ VITRÚVIO; BARBARO, Daniel; MARCOLINI, Francesco *I dieci libri dell'architettura*. In Venetia: per Francesco Marcolini, 1556.

⁹ CATANEO, Pietro. *I quattro primi libri di Architettura di Pietro Cataneo Senese*. In Vinegia: in casa de' figliuoli di Aldo, 1554.

Évora. As páginas finais da obra holandiana *De Aetatibus Mundi Imagines*, do final da década de 1570, assim como tratados seiscentistas, também utilizam o mesmo tipo de papel. A marca d'água presente no documento evidencia a sua procedência: Lyon, na França — um dado que contribui para situar historicamente o manuscrito e aproximá-lo de outras obras e contextos da época.¹⁰

Assumia para si o papel de autoridade instruída à maneira vitruviana, reunindo conhecimentos de diversas áreas com o intuito de oferecer ao aprendiz uma base formativa abrangente, como pode-se perceber pelas referências que apresenta ao seu leitor, aprofundando-se mais ou menos em cada destes que descreve durante o texto:

Categoria	Autor	Folhas (fls.)
Contemporâneos	Sérlio	47v, 48v, 49v
	André Laguna	10
Clássicos	Pitágoras	3v, 39v
	Dédalo	3v
	Hipócrates	10
	Euclides	25, 25v
	Ptolomeu	7v
	Arquimedes	3v, 4
	Vitrúvio	3v, 5, 5v, 10v, 13, 18, 20, 39v
	Galeno	10
	Flávio Josefo	2
	Avicena	10

¹⁰ MOREIRA, 1982, p. 8-9.

Ainda que a preocupação inicial do manuscrito pareça residir nas construções defensivas, é possível perceber o alargamento dessa intenção, especialmente quando intervém na escrita do copista, preferindo o termo “edefisios” em lugar de “fortificações”, sinalizando a busca por um saber arquitetônico mais vasto.

Uma das hipóteses inovadoras levantadas por Moreira diz respeito à posição de Pietro Cataneo enquanto arquiteto militar, fundindo, em uma mesma produção teórica, os campos civil e militar da arquitetura. Tal prática, no entanto, passaria por uma separação progressiva, com as construções defensivas sendo atribuídas cada vez mais, a partir do último quartel do século XVI, aos engenheiros militares — sobretudo em Portugal. Nesse mesmo momento, a arte castrense passava a ter um apelo crescente junto ao governo português, com a contratação frequente de especialistas por D. Sebastião durante a década de 1570.

A utilização da obra de Pietro Cataneo como principal referência do códice 3675 é um ponto essencial na análise realizada por Rafael Moreira, esclarecendo muitos dos aspectos levantados pelo autor e considerados fundamentais ao bom exercício da atividade dos projetistas e construtores interessados que leem seu manuscrito. Moreira identifica, na obra do tratadista português, passagens inteiramente inspiradas ou, em alguns casos, praticamente copiadas de Cataneo, sobretudo aquelas que tratam da salubridade do ar e da escolha do local para as construções — temas de importância central na tratadística renascentista.

Essa abordagem comparativa, utilizada por Moreira com outros tratadistas contemporâneos a Cataneo, será retomada nos estudos sobre arte militar do século XXI, os quais identificam referências a autores não tão difundidos em Portugal, mas cuja presença se faz notar na produção do tratadista português. Demonstra-se, assim, um acesso direcionado e um interesse específico pelas novidades que circulavam na literatura arquitetônica — e, mais particularmente, na literatura sobre arquitetura militar.¹¹

¹¹ SOUSA, Luís Filipe Guerreiro da Costa. *Escrita e prática de guerra em Portugal 1573-1612*. 2013. 845 f. Universidade de Lisboa, 2013. p. 256.

O arquiteto português é revelado no estudo como um profissional plenamente integrado das teorias competentes à sua área, desconstruindo a imagem tradicionalmente associada à prática meramente oficinal e manual da arquitetura em Portugal. Também se relativiza a distância frequentemente atribuída entre o arquiteto régio e o profissional liberal que atuava em outras regiões da península, especialmente na Itália. As referências citadas no manuscrito são fundamentadas nas principais habilidades consideradas necessárias por Vitruvius, com o autor adaptando essas leituras à história da arquitetura, apoiando-se ainda em episódios da história bíblica e portuguesa como exemplos de adaptação e engenho no exercício da arte de construir.

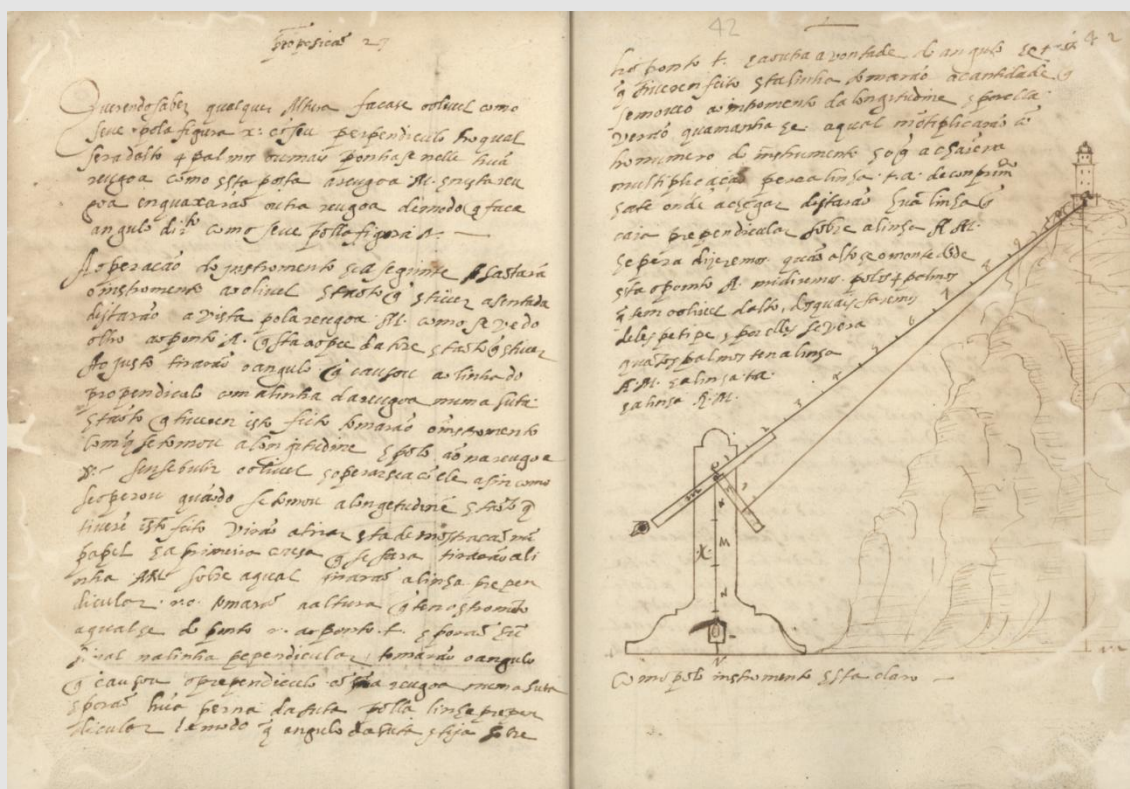


Figura 1 - Preposição acerca do uso de instrumentos para medição de altura. Fonte: BNP, 1576, fol. 41v-42.

Assumia para si o papel de autoridade instruída à maneira vitruviana, reunindo conhecimentos de diversas áreas com o intuito de oferecer ao aprendiz uma base formativa abrangente. Ainda que a preocupação inicial do manuscrito

pareça residir nas construções defensivas, é possível perceber o alargamento dessa intenção, especialmente quando intervém na escrita do copista, preferindo o termo “edefisios” em lugar de “fortificações”, sinalizando a busca por um saber arquitetônico mais vasto.

Moreira também evidencia, ao longo de sua pesquisa, o caráter próprio da arquitetura portuguesa, sobretudo aquela desenvolvida a partir do governo de D. João III, e as formas pelas quais ela se estruturou até o momento da redação do tratado, objeto central da investigação. A partir de um processo analítico ancorado no confronto entre forma e documento, é possível compreender que Portugal não esteve à margem das rotas influenciadas pela tratadística em circulação. Apesar do caráter régio da profissão, os arquitetos procuravam aliar as condições práticas de trabalho impostas pelo reino às linguagens e conhecimentos teóricos difundidos entre os arquitetos de formação, cujos saberes eram divulgados nas páginas dos tratados. Tal esforço é reconhecível na escrita do códice 3675, onde seu autor se autodenomina arquiteto e apresenta seu manuscrito como um tratado de arquitetura.¹²

Apesar de ser comum, entre os arquitetos militares do período, o recurso à representação de elementos como fachadas e portais — prática associada à valorização e circulação dos saberes contidos na tratadística arquitetônica —, o autor opta por um caminho distinto. Em seu manuscrito, a ênfase recai sobre a sistematização de formas geométricas específicas, demonstrando menor interesse pela transmissão dos cânones clássicos. Sua orientação aos aprendizes parece priorizar estratégias voltadas à funcionalidade das construções, destacando aspectos como rapidez de execução e racionalização de recursos.¹³

¹² BNP, cód. 3675, fol. XXV.

¹³ DUME, Sarah. "Convém ao que houver fazer profissão de arquiteto": revisitando um tratado português de arquitetura do século XVI. 2023. 1 recurso online (461 p.) Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas,, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: 20.500.12733/20544. p. 64.

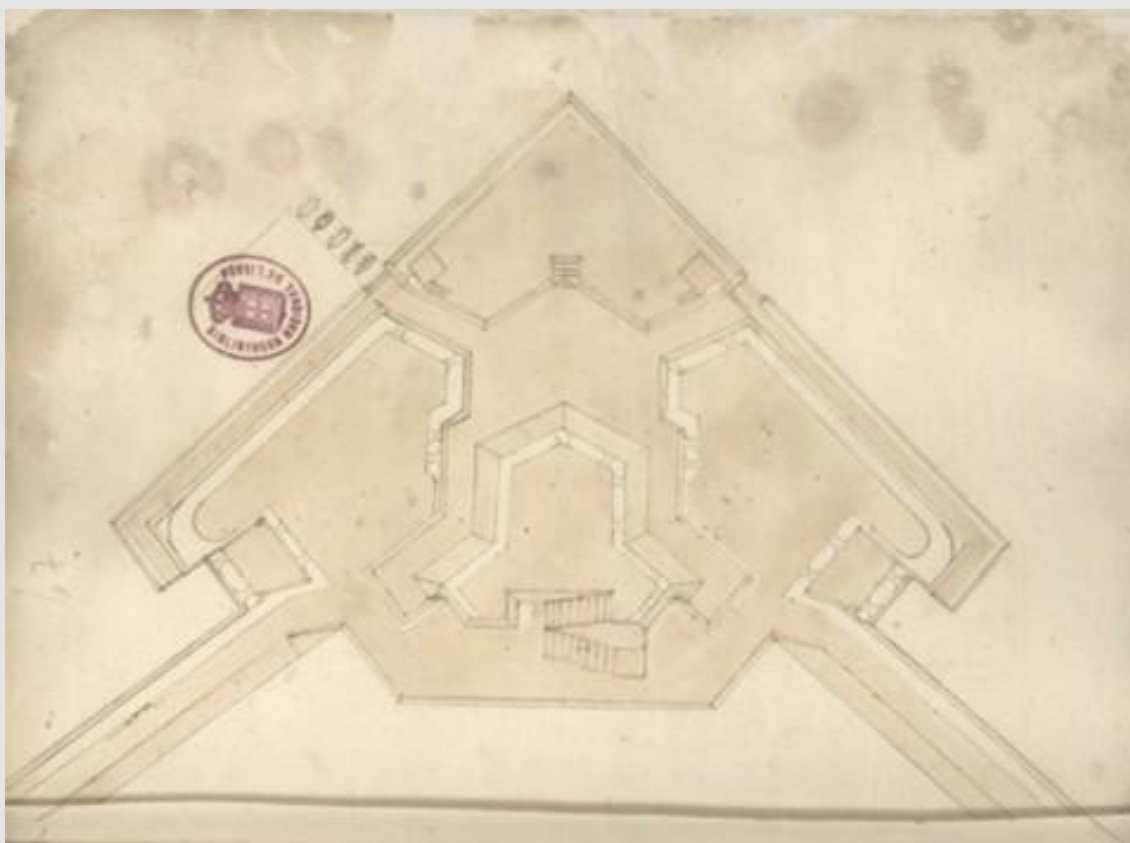


Figura 2 - Planta alternativa de baluarte apresentada no último fôlio do códice 3675. Fonte: BNP, 1576, fol. 67.

A partir dessas evidências e conjecturas, Moreira propõe a atribuição de autoria à figura do mestre das obras de D. Sebastião: António Rodrigues. Ainda que ocupando o mais alto posto na arquitetura do reino à época, Rodrigues não deixou grande número de obras documentadas ou construções atribuídas com segurança. Tampouco é conhecido o percurso completo de sua carreira, o que permitiria compreender como teria alcançado o cargo anteriormente ocupado por Miguel de Arruda, um dos nomes mais reconhecidos da arquitetura portuguesa do século XVI. Utilizando um método que denomina de exclusão, Moreira consegue traçar um percurso coeso que levanta Rodrigues como um dos possíveis autores do códice.

Com base em nossa pesquisa de mestrado de 2023, foi possível aprofundar o conhecimento sobre a trajetória do mestre das obras e fortificações do reino, confirmando sua atuação em construções defensivas¹⁴, assim como sua presença

¹⁴ DUME, 2023, p. 95.

em obras realizadas em 1582 no Convento de Jesus de Setúbal, sob ordem direta de Felipe II. Também se identificaram registros dos valores pagos a seus herdeiros após sua morte, o que reforça a continuidade de seu reconhecimento oficial.¹⁵

Rafael Moreira ampliara a história desse documento quando também encontra uma outra edição deste mesmo texto, depositado na Biblioteca Pública Municipal do Porto.¹⁶ De conteúdo mais enxuto e de encadernação rebuscada, esse manuscrito abre espaço também para a compreensão da personalidade do autor dos textos, que por meio de uma dedicatória ao provedor das fortificações do reino à época, D. Manuel de Portugal e um prólogo ao leitor, apresenta mais de sua personalidade e a confirmação de se apresentar enquanto uma autoridade no assunto que reflete nessas páginas e do desejo da publicação de seu tratado. Por meio da datação realizada por Moreira e a análise do contexto de produção do documento, fora possível desenvolver a pesquisa em torno do Comendador de Vimioso e responsável pelas fortificações de D. Sebastião e estabelecer a data do documento no ano de 1576.

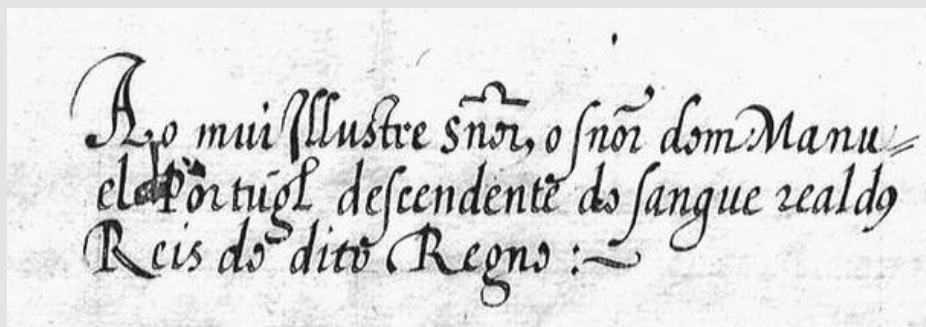


Figura 3 - Dedicatória a D. Manuel de Portugal na segunda versão do manuscrito na Biblioteca Pública Municipal do Porto.. Fonte: BPMP, 1576-79?, dedicatória.

Além do códice 3675, atualmente preservado na Biblioteca Nacional de Portugal, a dissertação de mestrado do Prof. Dr. Rafael Moreira trouxe à luz outro documento de grande relevância: o manuscrito 95, intitulado *Preposições*

¹⁵ DUME, op.cit, p. 109.

¹⁶ MOREIRA, 1982, p. 170-178; RODRIGUES, António. *Tratado de Architectura de António Rodrigues*, 1579: cópia manuscrita. - Local não indicado, 1579. p. 47; 53- 54. Disponível em: https://arquivodigital.cm-porto.pt/Conteudos/Conteudos_BPMP/MS-95/MS-95.htm.

Mathematicaas, hoje depositado na Biblioteca Pública Municipal do Porto. Diferentemente do *Tratado de Architectura*, este manuscrito apresenta-se com redação uniforme, redigida por uma única mão, embora haja pequenas intervenções em alguns fólios. Nele, o autor dirige-se diretamente aos “architectos”, reunindo suas reflexões em torno de um público específico, voltado à compreensão de operações geométricas e de agrimensura, sem se deter, como no códice 3675, nos aspectos técnicos da construção. É nesse conjunto que se localizam os únicos desenhos declaradamente de inspiração clássica, elaborados com base no Tratado IV de Sebastiano Serlio.¹⁷

Em síntese, Moreira debruça-se sobre as linhas e entrelinhas desse importante testemunho da arquitetura quinhentista portuguesa. Por meio de um esforço analítico rigoroso, insere o códice em um tempo e espaço que permitiu a abertura de múltiplas frentes de análise desde 1982 até os dias atuais — seja na ampliação da compreensão do conteúdo do documento, seja na reconstituição da atividade arquitetônica e do arquiteto em Portugal no século XVI, nas referências teóricas que circulavam à época ou nos paralelos entre teoria e prática. Em todas essas dimensões, o códice 3675 consolidou-se como peça-chave para o entendimento da arquitetura portuguesa do Renascimento.

Faz-se importante recordar e celebrar a obra do Professor Rafael Moreira, dando a continuidade e o aprimoramento do olhar crítico e analítico sempre utilizado em suas obras, observando as obras edificadas enquanto agentes materiais que se desenvolvem em meio a experiências e contextos históricos diversos, onde, as experiências estilísticas se diferem e se demonstram em diferentes teorias e práticas.

¹⁷ RODRIGUES, António. *Tratado de Architectura de António Rodrigues*, 1579: cópia manuscrita. - Local não indicado, 1579. p. 47; 53- 54. Disponível em: https://arquivodigital.cm-porto.pt/Conteudos/Conteudos_BPMP/MS-95/MS-95.htm.